

---

## **O verso do anverso: a pandemia desvelando as fraturas da cidade**

Roberto Noritomi  
Consultor técnico legislativo-sociologia e doutor em sociologia (USP)

Todos os direitos reservados. Este trabalho poderá ser reproduzido ou transmitido na íntegra, desde que citado (as) o (as) autor (as). Reproduções para fins comerciais são proibidas.  
O conteúdo deste trabalho é de responsabilidade dos autores e não representa posicionamento oficial da Câmara Municipal de São Paulo ou da Consultoria Técnico Legislativa.

---

## O verso do averso: a pandemia desvelando as fraturas da cidade

"Nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie."  
(Walter Benjamin, *Sobre o conceito de história*)<sup>1</sup>

Todo processo histórico, ao se pôr, põe seu avesso. A riqueza, portanto, se constitui ao mesmo tempo que necessariamente cria a miséria. Uma é retroalimentada pela outra. Levantamentos do Banco Mundial apontam que "quase metade da população mundial — 3,4 bilhões de pessoas — ainda luta para satisfazer as necessidades básicas"<sup>2</sup>. O mapa do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-2019), apesar de todos os seus limites, é bastante eloquente para ilustrar essa ordem "tão desigual".



Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano de 2019<sup>3</sup>.

De um lado, nas cores mais escuras, o extremo afluxo material e o bem-estar para um punhado de países e de outro, em cores tendendo para claro, a carência na imensa maioria. O último relatório da organização internacional Oxfam complementa esse quadro e é taxativo ao apontar que:

- "Em 2019, os bilionários do mundo, que somavam apenas 2.153 indivíduos, detinham mais riqueza do que 4,6 bilhões de pessoas.
- Os 22 homens mais ricos do mundo detêm mais riqueza do que todas as mulheres que vivem na África.
- O 1% mais rico do mundo detém mais que o dobro da riqueza de 6,9 bilhões de pessoas"<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Benjamin, W. "Sobre o conceito de história". In: *Magia e técnica. arte e política*. Brasiliense, São Paulo, 1986, p. 226.

<sup>2</sup> <https://nacoesunidas.org/banco-mundial-quase-metade-da-populacao-global-vive-abaixo-da-linha-da-pobreza/>

<sup>3</sup> <https://www.oitomeia.com.br/noticias/2019/12/09/brasil-mantem-posicao-no-indice-de-desenvolvimento-humano-em-2019/>

E onde se lê pobreza ou miséria, leia-se classe trabalhadora. São os trabalhadores que compõem efetivamente a face social da massa de deserdados de bens, direitos e anseios. Não fossem eles, produzindo e se reproduzindo, não haveria a riqueza se formando. Eis a contraparte necessária da acumulação; a força "da grana que ergue e destrói coisas belas". Civilização e barbárie como irmãs siamesas.

É assim que o capital se move, deslocando e alocando indivíduos pelo mundo, e ao fazê-lo, desenha sua geografia de aclives e declives sociais. O capital produz o espaço e distribui as populações. Como já explicava Marx em meados do século XIX, "qualquer observador imparcial pode perceber que, quanto mais massiva a concentração dos meios de produção, tanto maior é a conseqüente aglomeração de trabalhadores no mesmo espaço; que, portanto, quanto mais rápida a acumulação capitalista, tanto mais miseráveis são para os trabalhadores as condições habitacionais."<sup>5</sup>

O interessante é que essa espacialização da riqueza e da miséria, ou seja, da classe trabalhadora, ganha seu emblema absoluto na figura da favela (e das habitações multifamiliares - os "cortiços"). No âmbito global, a favela do mundo encontra-se na África, na América Latina, no Sudeste e em parte do Sudoeste Asiáticos. No interior dos países, mesmo dos mais ricos, a favela encontra-se nas bordas, e em alguns pontos centrais, das macrorregiões metropolitanas.

Esses lugares tão próximos e familiares sempre estiveram aí, desde quando existe a lógica da valorização capitalista. No entanto, o evento pandêmico tem servido para expor com veemência a desigualdade e os restolhos decorrentes do processo. Ao contrário do que se diz, os fatos mostram que a pandemia não atinge a todos igualmente. A pandemia chegou e expôs as fraturas sociais com as quais todos conviviam até então, num misto de indiferença e de mea culpa.

A cidade de São Paulo oferece uma amostra significativa dessas fraturas ora expostas de maneira incontornável. Para qualquer analista, era muito evidente que a pandemia não apenas atingiria de modo devastador e incontrolável os lugares mais pobres e excluídos das regiões metropolitanas do país<sup>6</sup>. E é isso que se tem verificado.

No começo de abril já se anunciava que o coronavírus estava deixando os endereços mais ricos e começava a invadir os bairros periféricos da cidade de São Paulo. Desde então, e de modo acelerado, o contágio se alastrou como num rastilho de pólvora exasperante. No início, quando o contágio ainda estava nos bairros abastados, o número de casos chegou a 5 mil em pouco mais de um mês, no entanto, quando alcançou localidades que se aproximavam dos extremos norte, leste e sul, o número de

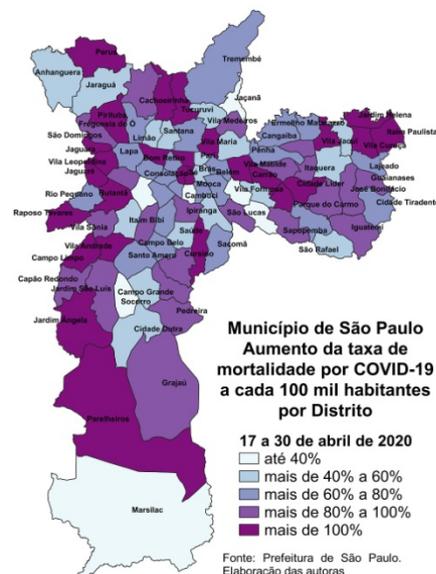
---

<sup>4</sup> "Tempo De cuidar: O trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade". DOCUMENTO INFORMATIVO DA OXFAM - JANEIRO DE 2020, Oxfam Brasil.

<sup>5</sup> Marx, Karl. *O capital*, Livro I. Boitempo, São Paulo, 2017. p. 732. Outra referência importante para se pensar esse ideia da organização urbana capitalista encontra-se no livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de Friedrich Engels.

<sup>6</sup> Um conjunto de entrevistas com lideranças comunitárias e especialistas, ainda em março, já levantava a situação de gravidade que adviria. <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2020/03/18/Por-que-as-periferias-s%C3%A3o-mais-vulner%C3%A1veis-ao-coronav%C3%ADrus>

casos saltou em mais de 20 mil num período de um mês<sup>7</sup>. As condições precárias de urbanização se somaram às limitações da rede de saúde e a taxa de mortalidade explodiu entre a população mais pobre, conforme indica o mapeamento do estudo "Mortalidade por Covid 19 em São Paulo: caminho rumo à periferia" elaborado pelo Observatório das metrópoles<sup>8</sup>.



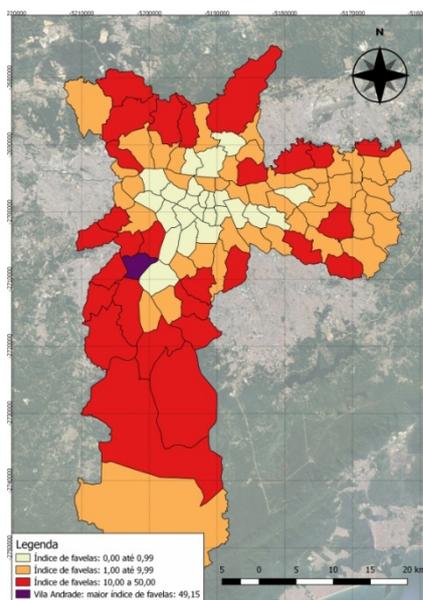
Nesse contexto, a dinâmica da pandemia não trouxe nenhuma nova mazela. O que ela fez foi acentuar e escancarar uma realidade de indizíveis desigualdade e brutalidade. Ninguém pode dizer que foi surpreendido pelos fatos, porque eles estiveram aí desde há muito, com maior ou menor exposição midiática.

Antes de tudo, em um momento em que a casa se tornou o último refúgio, o que logo veio à luz foram as péssimas habitações predominantes nas largas faixas periféricas. Em duro contraste com as *lives* de ricos e famosos, que se esbaldavam em seus apartamentos e mansões, os moradores pobres se comprimiam em edificações exíguas espalhadas nas franjas urbanas ou em unidades multifamiliares nas ruas centrais. O bordão "se puder, fique em casa" ganhou ares de cretinismo puro. Como expressar tal exigência ou conselho para quem mal tem onde se escorar? Daí se viu que o *home sweet home* não era mais do que um artifício ideológico. Basta observar a distribuição das favelas no município para se compreender como o contágio se propagou<sup>9</sup>. A tragédia estava anunciada no mapa, como estão todas as demais.

<sup>7</sup> <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1665361187841399-mapa-da-evolucao-das-mortes-por-covid-19-em-sp>

<sup>8</sup> <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/mortalidade-por-covid-19-em-sao-paulo-caminho-rumo-a-periferia/>

<sup>9</sup> <https://plamurblog.wordpress.com/2018/12/22/mapa-da-desigualdade-vila-andrade-e-o-distrito-com-maior-percentage-de-favelas/>



Mapa das favelas (Foto/confecção: Thiago Silva)

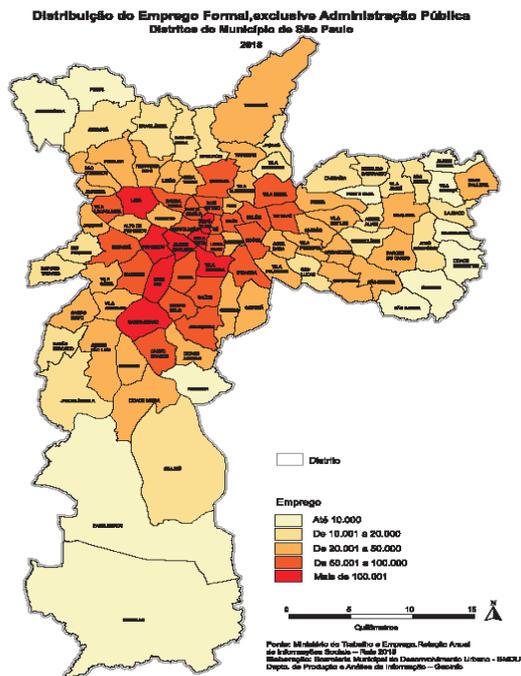
E junto com as péssimas condições das moradias vieram à tona a carência de esgotamento sanitário, de abastecimento hídrico, de fornecimento de eletricidade etc. A periferia começou a ser vista a partir das suas entranhas topográficas e infraestruturais. De repente, lavar as mãos após voltar da rua se verificou um luxo. A situação da maior favela da zona sul, Paraisópolis, é exemplar para todas as demais. Segundo matéria da agência independente 32xsp, um problema "que atrapalha os cuidados necessários para evitar a contaminação e proliferação da Covid-19 na favela é que muitas famílias não têm condições adequadas de moradia ou mesmo acesso à água. Mesmo quem possui os serviços básicos, contudo, sofre com outra questão: o racionamento de água pela Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo)"<sup>10</sup>. Qual a possibilidade, portanto, de se realizar todo o ritual reiterado como um mantra pela mídia?

Como comprar álcool em gel, sabão e toalhas de papel se nem mesmo a comida é acessível? A renda, que não era muita, agora se escasseou ainda mais. A pandemia atingiu frontalmente as atividades econômicas informais e de vínculos precários, como é o caso da ocupação da grande maioria dos trabalhadores que residem na periferia. Foi aí que o desemprego se disseminou com mais força e reduziu drasticamente as fontes de renda. Segundo o diretor-técnico do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), Fausto Augusto Junior, os moradores das periferias "estão em trabalhos mais vulneráveis, pois geralmente não têm carteira assinada ou estão em atividades de fácil substituição. As empresas demitem o trabalhador hoje e, caso a crise melhore daqui a três meses ou seis meses, contratam outra pessoa sem perder muito tempo com grandes qualificações ou investimentos"<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> <https://32xsp.org.br/2020/03/31/em-paraisopolis-acionamento-de-agua-impede-protecao-contracoronavirus/> . Ver também: <https://www.agenciamural.org.br/falta-de-agua-e-um-dos-desafios-para-combater-covid-19-nas-periferias/>

<sup>11</sup> <https://economia.uol.com.br/reportagens-especiais/desempregados-periferia-coronavirus/#page6>

Assim, a pandemia permitiu perceber como o trabalho informal vinha encobrendo o desemprego e camuflando a vida de dezenas de milhões de pessoas excluídas da estabilidade de renda e de direitos trabalhistas<sup>12</sup>. O mapa abaixo indica que o emprego formal está concentrado na região mais central (de cores avermelhadas)<sup>13</sup>.



E nesse momento em que o auxílio emergencial poderia minorar a falta de renda, ainda que temporariamente, esse recurso não pôde chegar, porque a internet também não é algo fácil quando se mora na periferia. Segundo mostrou a *Folha de São Paulo*, entre os exemplos mais evidentes da desigualdade digital "estão as longas filas de trabalhadores informais, nas agências da Caixa, em busca do auxílio emergencial de R\$ 600. Afora o fato de muitos não terem conta bancária e que o próprio aplicativo, o Caixa Tem, se mostrou instável, pesou a falta de acesso. As operadoras liberaram o uso do app mesmo para quem não tinha crédito no celular, mas os problemas de acesso persistiram"<sup>14</sup>.

Numa situação de isolamento físico, a periferia se percebeu ainda mais apartada do mundo. A tão propalada conexão universal pelas redes se revelou um engodo fora dos círculos centrais da cidade, fora do alcance do wifi gratuito de praças, bibliotecas e cafés. Com conexão instável ou totalmente ausente, a população periférica se viu impossibilitada de recorrer à atenção estatal, e quem mais sentiu isso foram os estudantes do ensino público, das várias faixas etárias, que tiveram dificuldade de

<sup>12</sup> <https://www.agenciamural.org.br/medo-de-desemprego-perda-de-renda-e-de-direitos-marcam-dia-do-trabalho-nas-periferias/>

<sup>13</sup> [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/25\\_Trabalho\\_2018\(1\).pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/25_Trabalho_2018(1).pdf)

<sup>14</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/cerca-de-70-milhoes-no-brasil-tem-acesso-precario-a-internet-na-pandemia.shtml>

acompanhar as aulas nas plataformas precariamente oferecidas pela rede pública de ensino.

O caso da educação foi um dos que mais explicitaram a desigualdade. Além da falta de acesso à internet, que é fundamental, o que se verificou foi a falta de espaço e equipamentos adequados para o estudo bem como de condições de acompanhamento familiar. Numa moradia exígua e sem os mínimos recursos de salubridade, como seria possível haver ambiente propício para o estudo? Nem mesmo a alimentação, que a escola supre com a merenda, foi plenamente garantida na rede municipal de ensino, segundo relatos manifestados nas reuniões do Comitê Emergencial da crise da educação, instalado sob a coordenação da Comissão de Educação, Cultura e Esportes da Câmara Municipal de São Paulo<sup>15</sup>.

Sem internet e sem espaço, sem renda e sem comida, sem alternativas de lazer e de qualquer distração, crianças e adultos vêm tendo dificuldades para manter o isolamento social tão imprescindível e recomendado. Sobraram as ruas, que se abarrotam durante os dias e ficam desertas no cair da noite. E com a escuridão, comum nas quebradas periféricas e becos, as operações policiais, que nunca cessaram apesar das proibições legais, se tornaram mais frequentes e as mortes de moradores dessas localidades se elevaram para além da média das estatísticas anteriores. Uma pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontou "que a letalidade policial em São Paulo cresceu 31% no período entre janeiro e abril, mês que bateu recorde de mortes pela polícia (119, contra 78 em 2019) durante a vigência da quarentena"<sup>16</sup>. Para especialistas, o cenário indica, na verdade, uma escalada da violência policial em São Paulo, principalmente nas periferias<sup>17</sup>.

Por conta disso, a pandemia atuou como um ácido que deixou aberto um triste relevo no mapa das cidades. Somente com a catástrofe generalizada foi possível entrever a particularidade da exploração e da carência de enormes contingentes populacionais em situação de miséria. O avesso do progresso e da opulência se tornou visível.

Mas, assim como no processo fotográfico, o negativo se fez positivo. Na ausência, já sabida, de ações estatais sistemáticas e efetivas, a população de vários bairros periféricos procurou reagir e trazer respostas próprias para conter e minorar a disseminação do contágio e de seus efeitos adjacentes<sup>18</sup>. Isso não se deu, evidentemente, de modo homogêneo e extenso. Ocorreu naqueles territórios em que os vínculos primários já se encontravam entretecidos, seja por vetores internos, seja por externos. Isso explica por que nem todas as regiões adensadas e urbanisticamente idênticas não responderam da mesma forma. Era preciso que já se encontrasse em

---

<sup>15</sup> As sínteses das reuniões encontram-se disponíveis na Consultoria da área social - SGP 52 da Câmara Municipal de São Paulo.

<sup>16</sup> <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-30/entre-a-vida-e-a-morte-sob-tortura-violencia-policial-se-estende-por-todo-o-brasil-blindada-pela-impunidade.html>

<sup>17</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/06/15/mortes-pela-policia-atingem-patamar-recorde-durante-a-quarentena-em-sp.htm>

<sup>18</sup> <https://nacoesunidas.org/pensando-no-coletivo-favelas-se-organizam-para-combater-o-coronavirus/>

andamento uma dinâmica comunitária constituída. E foi o que aconteceu em importantes localidades, com especial destaque para Heliópolis e Paraisópolis<sup>19</sup>, entre outras, que lograram absorver a onda de contágios e minorar os casos de mortes, ao contrário do que se verificou em bairros como Vila Brasilândia e São Miguel Paulista e Capão Redondo. Esses casos de resposta organizada estão muito próximos da capacidade de mobilização e controle vistos apenas em experiências como, por exemplo, a chinesa.

Isso é extremamente relevante, pois indica como nenhuma medida de prevenção e monitoramento é possível se o tecido social estiver esgarçado e sustentado apenas por redes formais destituídas de sentido e ancoragem no mundo da vida. É essa a lição que algumas comunidades periféricas vêm ensinando e demonstrando, com tantas práticas organizativas que são verdadeiras tecnologias de administração pública e de articulação política. Porque sobreviver, na periferia, é um ato político.

###

---

<sup>19</sup> <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/06/11/jornal-ignoradas-favelas-do-brasil-organizam-propria-luta-contr-a-covid-19.htm>